

Document Citation

Title	Ajuricaba
Author(s)	
Source	<i>Embrafilme</i>
Date	
Type	distributor materials
Language	Portuguese
Pagination	
No. of Pages	6
Subjects	Berditchevsky, Sura (1953), São Paulo, S.P., Brazil Villaça, Paulo (1946-1992), São Paulo, Brazil Cavalcanti, Emmanuel Caldeira, Oswaldo Gines, Rinaldo
Film Subjects	Ajuricaba, Caldeira, Oswaldo, 1977

UM FILME DE OSWALDO CALDEIRA

AJURICABA

O REBELDE DA AMAZÔNIA



No início do século XVIII, os portugueses estavam interessados em consolidar a posse da região amazônica e, principalmente, em dar estocadas além da linha de Tordesilhas. Com estes objetivos eles começaram a fundar um forte a 14 quilômetros da confluência dos rios Solimões e Negro, exatamente onde começa o Amazonas. Quando foram construir o forte, os portugueses encontraram uma resistência tremenda dos índios. Principalmente dos índios manaús. Segundo os manaús, Manari, que era o deus da floresta, tinha dito que eles deveriam tomar conta da floresta e não deixar nenhum invasor dominá-la. Quem seguia a tradição de Manari era Cabocquena, avô de Ajuricaba. O pai de Ajuricaba tentou uma conciliação, entrou num acordo com os brancos e deixou que eles tomassem posse da região. Quando isso ocorreu, Ajuricaba fugiu para a floresta. Ele ainda era criança e o avô já tinha morrido. Quando soube da morte do pai, o último obstáculo que o afastava de uma luta aberta contra os brancos, Ajuricaba fez uma confederação indígena, organizou a luta conclamando todas as tribos da região e começou uma resistência aos portugueses que durou quatro anos. A ação de Ajuricaba causou tremendo desacerto nas tropas portuguesas, a ponto de terem de pedir reforços a Lisboa. E os portugueses só conseguiram prender Ajuricaba quando alegaram que ele tinha ligações com os holandeses. A partir desta acusação, conseguiram que Lisboa mandasse reforços expressivos em termos de tropa, canhão etc. e prenderam Ajuricaba. Ele ainda tentou uma última insurreição no barco que o levava para Belém. Quando chegou ao encontro das águas do Solimões com o Negro, tentou uma última insurreição dentro do barco e, vendo que não ia obter resultado, lançou-se às águas. A partir daí as coisas ficam nebulosas e viraram lenda. Não se sabe se ele teria morrido ou não, se foi suicídio ou não.

AJURICABA





AJURICABA

A HISTÓRIA DO BRASIL QUE VOCÊ NUNCA OUVIU CONTAR

RINALDO GENES

Sou descendente direto de índios do Mato Grosso. Isso fez com que minha participação em Ajuricaba fosse mais que uma simples atividade profissional, tornou-se uma espécie de reencontro muito forte com minha raça. É impressionante como o índio ficou relegado a segundo plano na história do Brasil. Falam dele quase sempre quando procuram justificar a chegada do escravo negro ao nosso território, dizendo que “o índio não se prestava ao serviço escravo”, como se isso fosse defeito. Quer dizer, no fundo há a insinuação de que eram “tão selvagens que nem para escravos serviam”. Procuravam o índio para esse tipo de coisa: localizar ouro, especiarias, pedras preciosas, ou então escravizá-lo. A coisa é de tal maneira exterminadora, que nem eu tinha ouvido falar em Ajuricaba. O desaparecimento é físico e também na memória. O índio foi banido de nossa história. Muita gente me pergunta se foi difícil fazer o papel de um personagem que praticamente não fala e está acorrentado o tempo todo. Não vou dizer que não foi difícil. Mas ao mesmo tempo não posso dizer que tive muita dificuldade em colher os elementos para desenvolver esse trabalho. Nos dias de hoje, freqüentemente é essa a sensação que temos — e quando digo “nós” não estou falando só de índios — a sensação de que estamos acorrentados e não podemos falar a maior parte do tempo. Ajuricaba é um filme que busca no fundo de nós mesmos, de nossa história, as raízes mais profundas de nosso acorrentamento e nos devolve de uma maneira forte, poderosa, a convicção de que o sentimento de liberdade jamais desaparecerá e que, por ele, o guerreiro está disposto a lutar para sempre.

EMMANUEL CAVALCANTI

O início de minha modesta carreira no cinema ocorreu em “Hora e Vez de Augusto Matraga”, de Roberto Santos. Eu já fazia teatro há muito tempo, com estudantes ou amadores, viajando pelo Nordeste. Mais tarde aqui no Rio em montagens profissionais como “Se Correr o Bicho Pega, se Ficar o Bicho Come” e “O Senhor Puntilla e Seu Criado Matt” e mais umas duas peças em São Paulo. Mas o cinema me embeveceu, me absorveu totalmente. Trabalhei com excelentes diretores, como Aurélio Teixeira, Gláuber Rocha, Cacá Diegues, Sérgio Ricardo, entre outros. Em geral, minha participação no cinema, embora tenha atuado em pelo menos 40 filmes, tem sido muito reduzida— coadjuvante, pequenos papéis. Conheci Oswaldo Caldeira no Rio, quando filmava com Moisés Kendlr “Os Marginais”, na favela da Mangueira, em 1968. Caldeira era um dos assistentes, um garotão tímido, muito quieto, ficava lá fazendo o trabalho dele. Esse assistente estava se preparando para realmente se transformar num grande cineasta brasileiro. Interessante que naquela época ele já pensava nos atores para suas futuras realizações. Disso eu vim a saber em Manaus, quando estávamos de novo reunidos, desta vez para filmar Ajuricaba. Ajuricaba é uma história incrível, história da colonização da Amazônia que se assemelha à história da colonização do Brasil. E eu ganhei um personagem de importância. Um soldado português, assalariado, sem opção, que tem de obedecer a Deus, ao Rei e ao capitão, um ser humano dentro de um processo violentador. Que tem um medo incrível da febre amarela, da sesão, do índio. Perdido naquela selva colossal, com sede, com fome, com medo de morrer. O que eu procurei incorporar da melhor forma, com muito cuidado, transportando um pouco da verdade daqueles indivíduos. Ajuricaba é um filme belíssimo, muito bem realizado. Um diretor jovem com uma proposta decente, que não está visando enriquecer, que concebe o cinema como arte. Eu tenho a impressão que esse filme vai ser inesquecível, um filme para toda a vida.

ELENCO

Ajuricaba	RINALDO GENES
Belchior Mendes de Moraes	PAULO VILLAÇA
Pedro	NILDO PARENTE
Martim	EMMANUEL CAVALCANTI
Comerciante Freitas	AMIR HADDAD
Governador João de Maia da Gama	FREGOLENTE
João Tapuia	CARLOS WILSON
Elisa	SURA BERDITCHEVSKY
Cabocla	MARIA SÍLVIA
Padre Reitor do Colégio Jesuíta	CARLOS EDUARDO NOVAES
Índio amigo de Ajuricaba	AURÉLIO MICHILES
Mulher da Corte	VÂNIA VELLOSO
Místico	JOSÉ KLEBER
Xamã	EUTHYMIO GOMES DE CARVALHO

FICHA TÉCNICA

Direção	OSWALDO CALDEIRA
Fotografia	EDISON SANTOS
Montagem	CARLOS BRAJSBLAT
Cenografia	ANÍSIO MEDEIROS
Efeitos Especiais	EUTHYMIO GOMES DE CARVALHO
Argumento e Roteiro	OSWALDO CALDEIRA E ALMIR MUNIZ
Música Original	AIRTON BARBOSA
Direção de Produção	LUÍS CARLOS LACERDA
Produção Executiva	CARLOS PRATES CORREIA
	ALBERTO GRAÇA
	LEILANY FERNANDES
Som Direto	ANTÔNIO CÉSAR
Produção	OSWALDO CALDEIRA
	EMBRAFILME
	FUNDAÇÃO CULTURAL
	DO ESTADO DO AMAZONAS

PAULO VILLAÇA

Ajuricaba representa um papel importante dentro do meu trabalho, que começou há 10 anos com “O Bandido da Luz Vermelha”. Nesse meio tempo fiz mais 22 filmes — entre eles “A Mulher de Todos”, “Lúcia McCarthney”, “Jardim de Guerra”, “Senhores da Terra”, “Paranóia”, “Sagarana”. Mas o início da minha carreira como ator foi mesmo no teatro: praticamente ganhei um lugar ao sol em “Navalha na Carne”, do Plínio Marcos, em 1967. Com Ajuricaba, o meu trabalho vem de frutificar num grau de qualidade — sem modéstia — muito bom, o que só foi possível pelo total afinamento entre eu e o Caldeira. Em suma: eu não decepcionei o Caldeira e nem ele me decepcionou. É um diretor de extrema sensibilidade, chega ao ator de maneira exata e objetiva, e tem toda a chance de se tornar um clássico dentro do cinema brasileiro. Na escolha do tema ele foi de grande felicidade. Conseguiu captar com perfeição o problema da colonização da Amazônia, da luta entre brancos e índios, entre o opressor e o oprimido. Ajuricaba é a história do povo brasileiro, e o filme mostra um paralelo entre o século XVIII e a nossa época. A importância do meu personagem, o Capitão-do-Mato Belchior Mendes de Moraes, é que ele representa um grande desafio: pela primeira vez me foi posta uma oportunidade de espelhar um outro lado da minha vida, da minha personalidade, das minhas vivências. E isso foi tão decisivo para mim que resolvi romper com compromisso de teatro em São Paulo e partir imediatamente para Manaus com o Caldeira. E valeu a pena. Dentro da minha vida, Ajuricaba é tão importante como o meu primeiro filme.

SURA BERDITCHEVSKI

Comecei a fazer teatro em 1970 no Tablado, em “Tribobó City” de Maria Clara Machado. A partir daí, participei de dezenas de montagens, entre elas “Aquele que diz sim, aquele que diz não”, de Brecht, “O Julgamento de Lúculo”, de Ionesco, “Vassa Geleznova”, de Gorki, “O Dragão”, de Eugene Swartz. Além do meu trabalho como atriz, dirigi três peças de Maria Clara Machado. No cinema, meu primeiro trabalho foi com Luís Paulino dos Santos, no curta-metragem “Lizetta”. Ajuricaba é meu primeiro longa-metragem. Sempre fui bastante exigente na escolha dos trabalhos de que participei. Ajuricaba me atraiu pela seriedade de sua proposta, a experiência de Oswaldo Caldeira como documentarista, a pesquisa longa dele em torno de Ajuricaba e o fato do filme ser antes de tudo um filme reflexivo, uma ficção-documentário. Senti muito medo em filmar. Cada plano rodado me dava a sensação de uma estréia, me exigia uma concentração muito grande. A equipe, o movimento dos eletricitistas, a preparação do som, da luz, todos os detalhes técnicos me atraem muito, tanto em teatro como em cinema. Comecei a entender a linguagem das lentes e a partir disso a entender o meu campo de trabalho, de representação, e a me familiarizar com ele. Descobri também que o trabalho e a elaboração do personagem em cinema é essencialmente intimista, e por isto exige muito emocionalmente. Cada movimento do seu corpo, cada frase dita tem que ser muito precisa. O Oswaldo me ajudou muito no perfil psicológico de Elisa, essa personagem ambígua, utilizada pelo governador seu pai como instrumento manipulador dos interesses político-econômicos da corte portuguesa no Brasil. E o maior ingrediente para isso seria o próprio fato de ser mulher.

Conheci Ajuricaba através de uma revista que dedicava um número especial sobre a Amazônia. E na mesma hora, achei que daria um grande filme. Era incrível eu desconhecer totalmente um personagem com tamanha expressão histórica. Mesmo em meu tempo de colégio, nunca ouvira falar de Ajuricaba, do guerreiro manaú que retomou a tradição guerreira do avô para se transformar no vingador de sua raça.

Quando decidi fazer o filme, amigos amazonenses se empolgaram com a idéia e deram um jeito de eu ir até Manaus. Tive então o segundo contato com Ajuricaba, um herói desconhecido do resto do Brasil e que ali é nome de rua, de loja, de colégio, de emissora de televisão, de bairro, de tudo — mais do que isso, está presente na memória, no respeito e na admiração do povo, fortemente marcado pela cultura indígena.

Foi uma produção difícil. Tive que deslocar do Rio e de São Paulo para Manaus uma equipe com mais de 30 pessoas, e contratar outras 70 no local.

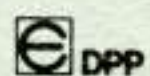
A reconstituição histórica, a taba indígena, a caravela, o deslocamento através do rio e da floresta, tudo isso foi um capítulo à parte dentro da produção. Filmamos durante 60 dias no meio da floresta. Mas é um filme plenamente realizado, porque todas as pessoas que participaram dele o fizeram com a maior convicção. E a história de Ajuricaba aí está. O mistério do seu desenlace permanece. É um direito que o povo se reserva, para recriá-lo ao longo dos anos, garantindo através desse homem a própria recriação da liberdade. Pois Ajuricaba — não duvidem — é pássaro, é cobra, é onça, é o sentimento de liberdade no coração do guerreiro.

OSWALDO CALDEIRA



CURRICULUM

1967 — **Telejornal** — média-metragem de ficção científica. Produção, direção, co-montagem, co-argumento e co-roteiro. Prêmios de melhor argumento, montagem e direção no Festival do Jornal do Brasil. Edison Santos (que fotografaria Ajuricaba) recebeu o prêmio de melhor fotografia. / 1969 — **O Cantor das Multidões** — documentário sobre Orlando Silva. Produção, direção, co-argumento e co-roteiro. Média-metragem. / 1972 — **Trabalhar na Pedra** — documentário de curta-metragem. Produção, direção e roteiro. Prêmio de melhor filme do Festival do Jornal do Brasil 1973. Troféu Humberto Mauro, do Instituto Nacional do Cinema. Exibido nos festivais de Cartagena (Venezuela), Toulon, Grenoble (França), Leipzig (Alemanha), Bilbao (Espanha), Karlov Vary. / 1974 — **A Casa dos Contos** — documentário de curta-metragem. Direção e roteiro. **Passe Livre** — documentário de longa-metragem. Produção, direção, co-autor do argumento e roteiro. Recebeu a Margarida de Prata como melhor filme de 1974, outorgado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Exibido no Festival de Banalmadena (Espanha) de 1975 / 1975 — **Futebol Total** — Documentário de longa-metragem. Co-direção e co-roteirista. 1976 - **Aukê** - Média metragem. Direção, produção, co-argumento, co-roteiro.



produção gráfica: elso silva jr.
arte-final: f.l. mascarenhas

Um filme de
Oswaldo Caldeira

com
Rinaldo Genes
Paulo Villça

AJURICABA

o rebelde da Amazônia

Nildo Parente
Emmanoel Cavalcanti
Sura Berditchevsky
Fregolente

Amir Hadad
Maria Sílvia

Uma produção
Oswaldo Caldeira
Embrafilme
Fundação Cultural
do Amazonas



LOBIANCO 37